

O Protagonismo e a trajetória de mulheres negras no curso de administração: um estudo em uma universidade pública no interior de Minas Gerais.

MARINA LAMANES DOS SANTOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA (UFU)

RODRIGO MIRANDA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA (UFU)

O Protagonismo e a trajetória de mulheres negras no curso de administração: um estudo em uma universidade pública no interior de Minas Gerais.

1. Introdução

Existem diferenças entre o que é esperado, permitido e valorizado em uma mulher e o que é esperado, permitido e valorizado em um homem e estas diferenças têm um impacto específico sobre nós em todas as fases da vida, podendo determinar, por exemplo, diferenças de tratamento com relação ao acesso à saúde, educação, trabalho, vida familiar e no bem-estar geral de cada um (IBGE, 2018). Assim como o *machismo*, o *racismo* é também predominante em nossa sociedade delimitando os papéis e lugares de ocupação entre pessoas brancas e pessoas negras, que mesmo sendo maioria no Brasil, ainda se constituem enquanto minoria nos setores mais privilegiados da sociedade; sendo marginalizada, criminalizada e tornada invisível.

Neste contexto, as mulheres negras são colocadas em um lugar ainda mais inferiorizado em todos os espaços que ocupa, primeiro por serem mulheres, segundo por serem negras, sendo *invisibilizada* tanto pelo *machismo* quanto pelo *racismo*, ambos estruturais. Há quem acredite que lugar de mulheres negras não é na escola, na universidade, na administração de uma empresa, à frente de um juizado, numa plenária na câmara de vereadores e deputados, mas sim na cozinha de uma família branca, no balcão de um comércio ou na cantina de uma escola.

De acordo com os Indicadores Sociais de Mulheres no Brasil (IBGE, 2018) as mulheres dedicaram-se aos cuidados de pessoas e/ou afazeres domésticos cerca de 73% de horas a mais do que os homens e o recorte por cor ou raça indicaram que as mulheres pretas ou pardas são as que mais se dedicam a estes. Ainda, segundo o relatório o percentual de mulheres brancas com ensino superior completo era mais do que o dobro do calculado para as mulheres pretas ou pardas, sendo 23,5% contra 10,4% isto é, 2,3 vezes maior (IBGE, 2018).

Buscando compreender as experiências de mulheres negras no tempo e no espaço, surge o questionamento: como se dá a trajetória das mulheres negras no âmbito acadêmico? Partindo desta questão, o objetivo deste trabalho é conhecer a trajetória de alunas negras no curso de Administração da Universidade Federal de Uberlândia, com intuito de dar o espaço necessário à vozes silenciadas, para que sejam ouvidas e valorizadas, incentivando-as a serem protagonistas de sua história.

Parte-se de estudos sobre a história das mulheres negras nos tempos coloniais onde iniciou-se o seu silenciamento e criação de estereótipos até a configuração do racismo enraizado e a consequente realidade de violência e sexualização da mesma (GIOPPPO, 1996). bem como seu percurso de luta e empoderamento dentro do movimento feminista identificado nos últimos anos. Noutro momento, de Almeida e Alves (2011), e o de Ávila e Portes (2012), que apontaram que a educação foi algo inacessível e o alcance do ensino superior significa uma mudança cultural efetivada por políticas públicas advindas da luta do movimento negro e do empoderamento das mulheres negras.

Para desenvolvimento deste trabalho foi realizada uma pesquisa qualitativa através de entrevistas semiestruturadas com alunas do curso de Administração da UFU, buscando identificar coincidências em suas experiências e enfrentamentos que justificassem os estudos produzidos no

âmbito acadêmico que abordam a questão das mulheres negras e seu acesso à educação, principalmente na área de Administração.

2.As Mulheres Negras E Seu Espaço No Ensino Superior

O racismo instituído desde a escravização do negro, está presente no modo de sentir e olhar das pessoas, tornando-o algo naturalizado, que deu origem às chamadas *micro agressões*. Conforme aponta o psiquiatra Chester Pierce (1969), as *micro agressões* são definidas como "ofensas verbais, comportamentais e ambientais comuns, sejam intencionais ou não intencionais, que comunicam desrespeito e insultos hostis, depreciativos ou negativos contra pessoas de cor" (SUE, 2010a, p. 29). O *racismo institucional* é uma forma de *micro agressão* pois, conforme Charles Hamilton e Stokely Carmichael que significa "a falha coletiva de uma organização em prover um serviço apropriado e profissional às pessoas por causa de sua cor, cultura ou origem étnica". (CHARLES, H. e STOKELY C., 1967, p.4)

Após a abolição da escravatura, a elite e intelectuais brasileiros, receosos com a possibilidade de que a miscigenação da população interferisse na imagem límpida da "nação"; se apropriaram da chamada *teoria higienista* que, visando fortalecer a supremacia da raça branca, disseminava o imaginário de que tudo advindo da raça negra era sujo e inferior, devendo ser evitado como algo contagioso e, portanto, a população branca jamais poderia se "misturar" com a população negra. (GIOPOPO, 1996)

Tendo sido perpetuado a segregação entre negros e brancos, criou-se a imagem de que os estudos não era algo que pertencia à população negra, tornando o cenário escolar um local excludente e hostil para os negros desde então. (ALMEIDA e ALVES, 2011). Somado à pobreza, configurou-se uma realidade permanente de exclusão e evasão desta população das instituições educacionais.

Almeida e Alves (2011) descrevem como foram suas trajetórias escolares nos períodos de 1950 a 1970, através de relatos de mulheres negras que descrevem uma sensação de não pertencimento ao espaço da escola - que na teoria teria sido legitimado como público e acessível, mas que, na prática, parecia mais algo privado, pois gerava sentimento de estranheza pela falta de acolhimento para com as mesmas. Das poucas mulheres negras que tiveram acesso - graças a políticas de democratização da educação, como o Fundo Nacional do Ensino Primário (FNEP), por exemplo - , grande parte delas não conseguiram continuar para além do ensino primário por falta de condições. A maioria seguiu, então, suas heranças escravocratas (ALMEIDA e ALVES, 2011); cenário este que também se prolongou durante anos.

Ávila e Portes (2012) identificaram que os fluxos escolares das alunas negras entrevistadas seguiam duas vertentes: os lineares - que não tinha interrupção desde que começaram a vida escolar - em que se encontrava somente uma minoria destas mulheres; e os vigorosamente atingidos por interrupções ou reprovações - em que se encontravam a maioria. Os motivos para tais interrupções foram variados: falta de incentivo da família, entrada precoce ao mercado de trabalho, as dificuldades enfrentadas com relação a trabalho e estudo, a pressão (implícita) de amigos que já tinham dado os estudos por encerrados.

Dois veículos se destacam na trajetória de luta pelo acesso à educação da população negra e, automaticamente, das mulheres negras: os movimentos sociais (principalmente o movimento negro) que lutaram pela formulação e efetivação de políticas públicas voltadas para este fim e a fomentação destas políticas tendo em vista a perspectiva da igualdade e do direito à educação para

todos. Foi a partir da década de 90 que convenções e tratados em prol da diversidade e da garantia de direitos iguais se intensificaram no cenário do país. (DOURADO, 2002) A exemplo: Convenção nº 111 da OIT (Organização Internacional do Trabalho) de 1968; Convenção referente à Luta contra a Discriminação no Campo da Educação de 1968; Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial de 1969.

No que se refere ao ensino superior, programas como ProUni, FIES e ações afirmativas como o programa de cotas, protagonizaram o processo de democratização do ensino superior - com destaque para o último que de fato oportunizou o acesso da população negra às universidades públicas que por muito tempo, estiveram muito distantes de suas realidades. As cotas sociais, sancionadas em agosto de 2012, definiram que 50% de todas as vagas de todas as universidades e institutos federais devem ser destinadas a alunos que cursaram o ensino médio por completo em escolas públicas, e dentro dessa porcentagem, metade deve ser destinada a estudantes com renda familiar de até um salário mínimo e meio. “Em ambos os casos, também será levado em conta o percentual mínimo correspondente ao da soma de pretos, pardos e indígenas no estado, de acordo com o último censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).”. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2012).

Apesar das críticas - como exemplo da imprensa nacional, no início da implementação das ações no país, em meados de 2001 (SILVA, 2016), daqueles que acreditam na meritocracia e dos que argumentam que as cotas reafirmam a discriminação; foi entendido e decidido pelo Supremo Tribunal Federal (STF) que “ações afirmativas são constitucionais e políticas essenciais para diminuir as desigualdades e discriminações existentes no país” (SIQUEIRA, 2017 p. 34). As ações que, inicialmente se tratavam apenas sobre a renda familiar, contemplaram diretamente a população negra, visto que esta se encontra nas mais baixas camadas socioeconômicas do país.

Os recortes raciais vieram depois que foi entendido que as desigualdades de natureza racial e de classe são igualmente importantes. (SILVA, 2016). Desde então, as mulheres negras que até então atuaram durante anos no triplo papel social de mãe, doméstica e trabalhadora - e que lhes foi imposto sem opção de escolha -, puderam enfim experimentar os efeitos das políticas públicas fomentadas nos anos anteriores e abrir espaço para mais um papel social, o de estudante.

Ávila e Portes (2012) apontaram que após a democratização da educação e a expansão do ensino superior, nota-se dois cenários: das mulheres negras de fluxos interrompidos mas já formadas e das mulheres negras de fluxos lineares, ambas frutos das intensificações das políticas públicas dos anos 90. Neste contexto, pensando num parâmetro de gerações, é como se as mulheres negras que colhem hoje os frutos da intensificação das políticas públicas dos anos 90 desde o início da sua trajetória escolar, fossem filhas das mulheres negras que tiveram seus fluxos interrompidos. Ávila e Portes (2012) identificaram em seus estudos, que a geração de avós destas alunas, não tiveram praticamente nenhum acesso à educação, sendo em sua maioria analfabetos e a geração de pais também tiveram pouco acesso. Tendo em vista que as gerações passadas não deixaram quase nenhuma herança em termos de capital escolar (ÁVILA e PORTES, 2012), o ingresso destas alunas na universidade significa a concretização de “um sonho antigo que não pôde ser alcançado pela maioria da família” (MARTINS e GERALDO, 2013, p. 69).

Na Universidade Federal de Uberlândia, as discussões sobre ações afirmativas tiveram início em 2003, mas foi apenas com a promulgação da Lei 12.711/12 que o sistema de cotas passou a ser gradativamente implementado como forma de ingresso à instituição (SILVA, 2016). Silva (2016) em seus estudos afirma que “medir a existência da população negra na universidade não é tarefa

fácil, pois até os anos 2000 (antes da implementação) não existiam dados sobre a identidade racial ou cor dos estudantes.” (SILVA, 2016; p.23). Tal afirmação reforça mais uma vez, quanto a invisibilidade da população negra em nossa sociedade.

Siqueira (2017) afirma que apesar dos esforços da Administração Superior da UFU para o combate à discriminação das minorias, muitas são as situações discriminatórias ocorridas no ambiente universitário, principalmente com relação à questões de gênero e raça. Aponta ainda que há omissão quanto à uma reação mais efetiva em tais situações, uma vez que a Administração apenas “expressa sua indignação com o ocorrido, se solidariza e reforça seu apoio aos movimentos que lutam pelo combate às desigualdades” (SIQUEIRA, 2017, p. 128).

Torna-se importante salientar que, sendo a Universidade uma instituição educacional, de conhecimento; deve ela ser exemplo para o restante da sociedade e, portanto, fomentar ações de inclusão e combate a qualquer tipo de discriminação seja ela social, cultural, racial, de gênero ou religião. A Universidade, um ambiente majoritariamente formado por pessoas brancas que em geral possuem alto poder aquisitivo, deve priorizar por ações afirmativas de inclusão; deve se reformular, se desconstruir para incluir a todos, de forma igualitária mas considerando suas especificidades e diversidades. “É necessário aumentar a sensação de pertencimento ao grupo, com preservação de culturas” (BONNAS, 2019; p. 124).

3. Aspectos Metodológicos

Sendo este um trabalho investigativo que objetiva conhecer a trajetória de alunas negras do curso de Administração, foi realizada uma pesquisa cujo método qualitativo envolve uma abordagem interpretativa do mundo, onde o pesquisador busca estudar acontecimentos em seus cenários naturais, buscando compreender os fenômenos em termos de significado que as pessoas lhes conferem (DENZIN e LINCOLN, 2006).

A justificativa ao escrever este artigo, é a de colocar em evidência a voz de mulheres negras nos cursos de administração, para que sejam ouvidas e reconhecidas como sujeitos. Sendo o meio de coleta de informações o instrumento de *entrevista*, Haguette (1997, p.86) exemplifica que trata-se de um “processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado”. Em se tratando da entrevista semi-estruturada, Boni e Quaresma (2005) destacam que trata-se de um combinado de perguntas abertas e fechadas onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto.

A abordagem que se refere à *trajetória de vida* justifica-se por ser um método muito utilizado nas ciências sociais e humanas, tendo em vista ainda o objetivo maior deste trabalho de favorecer o protagonismo das entrevistadas. Trata-se de uma abordagem *subjetiva*, uma vez que trabalha com as relações humanas e, portanto, não está em busca de uma análise exata; pelo contrário, leva em consideração diversos fatores sejam eles individuais, psicológicos, sociais, culturais, econômicos, dentre outros.

As entrevistas foram realizadas no período de maio a julho do ano de 2018, com cinco alunas dos cursos de Administração, integral e noturno, da Universidade Federal de Uberlândia. Com duração de aproximadamente 45 minutos, primeiramente foram gravadas e, posteriormente, transcritas e condensadas em relatos para que a identificação dos pontos pesquisados fosse possível.

Como fonte de dados primária, foram analisados o conhecimento da pesquisadora e de seu respectivo orientador sobre seus ciclos de convivência e os sujeitos que se encaixavam no perfil

procurado. Após este primeiro contato que foi realizado via internet, pelas redes sociais e ocorrido por várias vezes, o conhecimento dos próprios sujeitos a respeito de perfis que também se encaixavam passou a ser considerado.

Por fim, cabe destacar que o processo de escolha dos sujeitos que se encaixavam no perfil esperado para aplicação desta pesquisa investigativa não foi isento de obstáculos. O primeiro deles se configurou na dificuldade em encontrar mulheres negras inseridas no curso de Administração, bem como no âmbito universitário de forma geral. E o segundo destacou-se pela ausência de trabalhos acerca do tema desta pesquisa que surge denunciando a falsa ideologia de democracia racial, uma vez que pouco se discute sobre assuntos relacionados às temáticas de cor e raça.

4. Análise Dos Relatos De Cinco Alunas Negras No Curso De Administração Da Universidade Federal De Uberlândia

Na apresentação dos relatos das cinco alunas entrevistadas, seus nomes foram substituídos por nomes de cantoras negras famosas do pop internacional: Rihanna, Beyonce, Normani, Houston e Minaj. Aqui, serão abordados os principais fatos da vida das entrevistadas acerca das suas trajetórias até a universidade, tais quais: a) histórico familiar e relação com os estudos; b) dificuldades enfrentadas antes e depois da aprovação; c) opinião sobre racismo e cotas sociais; d) reconhecimento, empoderamento e referências; e) perspectivas para o futuro. Vale ressaltar mais uma vez, que tratam-se de questões muito subjetivas, assim como as respostas e a respectiva interpretação das mesmas.

Histórico familiar e relação com os estudos

Nesta geração, a família se configura como fator de suma importância na longevidade da vida escolar, pois, desempenha papel importante na transmissão do conhecimento e dos hábitos que podem levar um indivíduo a desenvolver uma maior competência acadêmica e a seguir uma trajetória mais linear em direção à universidade (GOIS, 2008, p.754). A fim de compreender acerca da importância da educação para a vida das entrevistadas, bem com sua relação com os estudos, foi questionado, primeiramente, sobre o contexto familiar de cada uma.

A partir dos relatos foi possível identificar que todas vieram de um arranjo familiar tradicional: pai, mãe e irmão(s). Duas com poder aquisitivo maior, o restante mediano, mas, em todas elas a educação se destaca como algo muito importante para alcançar um futuro melhor. Outro ponto de coincidência encontrado nas entrevistas foi que, em todos os históricos familiares os pais não possuem ensino superior. Uma delas o pai chegou a cursar o ensino superior mas devido à uma melhor oportunidade de trabalho não concluiu o curso; três destas famílias, os pais tiveram muito pouco acesso aos estudos e se “formaram” enquanto bons profissionais ou autônomos no que fazem por experiência própria.

Segundo os relatos, os fatores que dificultaram o acesso à educação por parte dos pais das entrevistadas são muitos, desde dificuldade financeira, falta de valorização por parte dos familiares a melhores oportunidades no mercado de trabalho que impediram de se dedicarem aos estudos. Em contraposição, verificou-se que em todas estas famílias o estudo sempre foi muito estimado e mesmo naquelas em que existem muita dificuldade financeira, a educação foi sempre a melhor

opção de escolha apresentada. “Eles sempre quiseram que eu tivesse boas oportunidades na vida, então acho que os estudos iriam ajudar.”, relata a aluna Normani.

Normani, Houston e Minaj destacaram que os pais puderam dar total suporte para que pudessem seguir com seus estudos, investindo em cursos preparatórios, cursos de línguas e o que mais fosse necessário às suas carreiras. Beyonce e Rihanna já relataram que as dificuldades financeiras impediram suas famílias de investirem mais em suas trajetórias pela universidade, ainda que o incentivo aos estudos sempre lhes foi orientado. Ambas entraram para o mercado de trabalho antes mesmo de ingressarem no ensino superior, tendo que conciliar trabalho e estudos desde cedo e financiarem seu próprio aprendizado.

Em se tratando do histórico familiar no contexto do ensino superior, três das alunas (Normani, Beyonce e Rihanna) informaram que foram as primeiras de sua família a entrar em um curso superior de instituição federal. Coincidência ou não, estas alunas são as que possuem famílias com menor poder aquisitivo. As duas alunas (Houston e Minaj) cujo poder aquisitivo é maior, informaram que não foram as primeiras a ingressar no ensino superior em universidade federal. Ademais, todas elas afirmaram que a aprovação e o ingresso na instituição federal foi celebrado como um momento emocionante em suas vidas e na de suas famílias, sendo considerado como uma grande conquista, “um sonho antigo que não pôde ser alcançado pela maioria da família” (MARTINS e GERALDO, 2013; p.69).

Dificuldades enfrentadas antes e depois da aprovação

Durante a entrevista foi questionado às entrevistadas quanto às dificuldades que enfrentaram pré e pós aprovação. Segundo relatos de duas (Beyonce e Rihanna) alunas, na fase antes da aprovação, a questão financeira foi a principal dificuldade, tiveram que se esforçar muito para pagar os cursos preparatórios que tinham preços elevados e por talvez não terem a oportunidade de pagar mais cursinho preparatório, também se cobravam em ter que se dedicar ao máximo aos estudos para conseguirem a tão almejada aprovação. Outro fator citado por estas alunas foi a questão da locomoção, também no período pré aprovação, visto que ambas relataram morar longe dos locais de estudo e a locomoção demandavam tempo e energia.

No período pós aprovação, já inseridas na graduação, as alunas apontaram ainda mais dificuldades enfrentadas. Para além de questões financeiras, as entrevistadas citaram obstáculos como: ter ou criar disciplina para os estudos; a adaptação aos horários das aulas; o alto nível de exigência dos professores e outros:

“Desde o início eu fazia minhas correrias, fazer trabalho picado pra me manter. Então, assim eu fiquei no seguro “desespero” 4 meses, e pensando “eu tenho 4 meses pra conseguir alguma coisa e correr atrás de tudo”. E aí nesse meio tempo fiz faxina, enfim, fiz de tudo, as tripas coração porque eu sempre busquei independência, sabe? Financeira, eu nunca quis dar trabalho pra minha mãe apesar dela ser minha mãe, então eu nunca quis dar esse peso pra ela” (Beyonce).

“A forma em que os professores ministram as aulas, da forma de que eles acham que todo mundo veio de excelentes cursinhos, de excelentes escolas, e que todo mundo tem dificuldade de entender a mesma matéria (...). A dificuldade realmente foi na educação, no ensino, na forma de como ele é posto. Então eu acho que isso dificulta muito, na forma de como vem, de um ensino básico muito defasado, muito

ruim, minha maior dificuldade foi no ensino, na forma em como foi administrado, e isso pra mim foi um choque (...)" (Beyonce).

Para as alunas que enfrentam a mobilidade estudantil (Beyonce e Houston), soma-se à estas dificuldades pontuadas anteriormente: a distância da família; a adaptação à nova realidade e a convivência com colegas de quarto.

"A faculdade eu acho que testa muito seu psicológico, sabe? Você vem pra cá, tem que ter uma cabeça muito boa. Eu acho que por isso que tem muitas pessoas que vem pra cá que não tem essa estrutura de família que não ajuda, que não apoia, pira tanto. Porque é muita coisa que acontece aqui e se você não tiver cabeça no lugar você fica louco... (...) As pessoas que tem a família aqui, elas não entendem que são privilegiadas" (Houston).

As respostas vem ao encontro do relatório realizado pela Universidade Federal de Uberlândia em 2014, denominado "Perfil do Graduando UFU" que revela que a maior dificuldade enfrentada pelos alunos são relacionadas principalmente a dificuldades de natureza financeira e pedagógicas. Dentre elas se destacaram: questões financeiras, com 32,3%; seguidamente da carga excessiva de trabalhos estudantis, com 31,3%; falta de disciplina/hábito de estudo, com 25,1% e adaptação a novas situações (cidade, moradia, distância da família, entre outras), com 18,1%.

O fato de ser um ambiente com poucas pessoas negras também se configurou como uma dificuldade para duas das entrevistadas. Reforçando as afirmações de Bonnas (2019, p. 124) em que diz que "a integração destes alunos mostra-se imprescindível para a continuidade dos estudos."

"Eu acho que eu não tive muitas dificuldades assim, a princípio foi só um impacto mesmo, acho que por questão de não ter muitos negros no meu curso, tanto que eu brinco com meus amigos que a nossa turma é a turma que tem mais negros. Acho que somos quatro pessoas, mas tipo, no decorrer que eu fui vendo outras turmas, realmente não tem muitos negros, então né..." (Normani).

"Quando eu entrei na faculdade eu continuei a mesma né? Cabelo liso e sem nenhum tipo de noção do que era um movimento negro até mesmo no Brasil, não só na UFU. Enfim, nada de empoderamento, nada de minhas raízes, não tinha noção. Até que eu cheguei num lugar onde as pessoas que eram diferentes de mim estavam indo bem de vida melhor, tinham condições melhores e eu não consegui me ver representada ali, eu não vi um pobre, eu não vi um professor negro, eu não via outros negros" (Rihanna).

Contraopondo estas dificuldades, uma das entrevistadas (Houston) aponta que houveram fatores positivos durante a sua graduação. Para ela, a liberdade e independência adquirida nesse processo acrescentou muito na sua formação como pessoa.

"Lá na minha cidade as pessoas tem uma cabeça muito fechada, aqui já, você vê que tem uma liberdade um pouco maior (...) O povo lá é com a cabeça muito mais fechada pra isso, quem tem poder, quem é rico, tem aquele preconceito, sempre tem panelinha, então é muito complicado. Aqui, quando eu cheguei, o que eu senti de diferente e achei muito bom, porque quando eu fui fazendo as amizades, ninguém sabe o que você tem, se você é rico, se você é pobre" (Houston).

"Hoje graças a Deus, eu tenho uma liberdade que eu acho que jamais teria, eu consigo fazer coisas se eu tivesse lá eu teria me acomodado e não teria feito (...) Então hoje eu corro atrás das minhas coisas, não tem quem fica falando pra mim

“ah você tem que fazer isso, você tem que acordar, você tem que estudar” Eu tenho que saber o que eu quero , eu tenho que saber que eu to aqui pra isso, eu tenho que fazer e pronto acabou” (Houston).

Opinião sobre racismo e cotas sociais

Para todas as entrevistadas, foi perguntado a opinião sobre racismo, a fim de saber o que elas conheciam sobre o tema e as respostas foram bastante particulares, ainda que suas trajetórias tenham tido coincidências. Fatores como poder aquisitivo, arranjo familiar, características físicas e interesse pessoal influenciaram em seus processos de construção individual e na formulação de suas opiniões.

Em seus dizeres sobre o racismo, Houston relata que a primeira palavra que vem à cabeça é respeito, pois é com respeito que a situação de desigualdade no país pode ser revertida e que para ser combatido, precisa ser enxergado e discutido. Para Minaj o racismo é um problema real, que infelizmente não vai acabar tão cedo e que está muito vivo hoje em dia na vida de todo mundo.

Segundo Normani, apesar de todos os avanços obtidos ao longo da história ainda há muito pelo que lutar, pois, o racismo ainda “pesa” muito até entre os próprios negros. Ela também afirma que é uma questão que precisa muito ser discutida uma vez que atitudes racistas são praticadas em forma de “brincadeiras” e assim sendo perpetuado.

Beyonce quando questionada declara que falar de racismo pra ela, é “mexer na sua ferida” pois é algo que dói, algo que machuca.

“O tempo todo você tem que provar que você é boa, que você é capaz, que a cor da sua pele não vai mensurar o seu conhecimento, que você não é bandido por ser preto, ou que você vai fazer algo ruim”. (Beyonce)

Rihanna relata que desde criança sempre ouviu piadas relacionadas a cor, por exemplo: “que preto é ruim (...) que preto é aquilo”; “tinha que ser coisa de preto”. Falas preconceituosas que fizeram com que ela acreditasse realmente que tudo que vem da cultura negra é ruim. Disse que muitas vezes se calou diante de tais situações pois via seu pai aceitando e, logo, pensava que se seu pai aceitava era porque era algo normal, não havia problema.

“Se fala de cabelo black porque é feio, se fala sobre aquela morena ali, então é porque é normal a cor dela realmente é feia. Aquela questão de “morena”... Morena não, é negra. Morena é uma pessoa branca de cabelo preto, não existe essa questão de morena. Mas eram coisas aceitáveis. Já aconteceu comigo. Eu tinha uns 10 anos um primo meu, me falou “você é negra e sua família vai ser toda preta e seus filhos serão todos pretos” fiquei sem reação e naquele momento: “como assim, isso é ruim? Isso é errado, ser negro é errado nesse país. Foram questões que eu fiquei por muitos anos calada, eu sempre fiquei com esse receio” (Rihanna).

Durante as entrevistas observou-se que, para todas as alunas, é necessário que se converse mais sobre racismo, seja em qualquer âmbito, qualquer espaço, com qualquer pessoa. Da mesma forma, com relação às cotas raciais, todas são a favor e reconhecem a sua importância, ainda que nem sempre tenha sido assim.

Para Normani, a discussão sobre as cotas raciais é um tanto complexa, mas, mesmo assim, diz entender que as cotas são um meio de equivaler a desigualdade existente no que diz respeito às oportunidades dadas à população negra: “querendo ou não, pessoas negras têm menos oportunidades que pessoas brancas”, justifica ela. Compreende também que, por mais que exista o discurso de democracia racial não só no país, mas no mundo todo, sabemos que na prática o racismo está muito enraizado e o negro ainda é visto como e, conforme apontam os autores Rosa, Medeiros e Júnior (2013): mais especificamente às mulheres negras, sempre são colocadas como sujeitos subalternos.

Houston considera que as cotas são extremamente necessárias pois o cenário que se encontra dentro das universidades é de uma minoria de negros mesmo com o sistema de cotas já em execução: “você quase não vê, tem cota, mas é muito minoria (...) abaixo da minoria”, relata a aluna.

Beyonce começa dizendo que durante muito tempo acreditou na ideia de que as cotas eram algo vantajoso para pessoas negras e justifica que pensava desta maneira por ter ouvido com grande frequência e em vários espaços este tipo de opinião sobre as cotas. Mas, depois de muitas leituras, disse ter entendido que estas se configuram em uma ação paliativa, uma tentativa de amenizar o problema da desigualdade de oportunidade para a população negra. Compreende que as cotas não possuem a função de solucionar o problema, bem como não apaga o que a população negra sofreu no passado; mas, é uma forma de possibilitar à esta população a ocupar mais espaços e protagonizar novas conquistas, demonstrando que são igualmente capazes se lhes forem dadas as mesmas oportunidades. Sua reflexão vai ao encontro do argumento do Ministro Ricardo Levandowski, quando, em 2012, sancionou a Lei de Cotas no país: “os programas de ação afirmativa em sociedades em que isso ocorre, entre as quais a nossa, são uma forma de compensar essa discriminação, culturalmente arraigada, não raro praticada de forma inconsciente e à sombra de um Estado complacente” (MIGALHAS, 2012). Da mesma forma, Silva (2016) afirma em seus estudos que as ações afirmativas de ingresso às universidades por si só não transformarão a realidade da população negra, mas, reforçam o mito da democracia racial que persiste no país.

Rihanna relata que foi a partir da discussão em sala de aula sobre as cotas raciais que passou a se reconhecer enquanto mulher negra. Sua opinião é de que as cotas raciais são uma forma de reparação à defasagem que a população negra sofreu. Faz também uma crítica, dizendo que não existe rigor na fiscalização dos aprovados na hora da inscrição; ressalta que já se deparou com pessoas brancas, loiras e de olhos verdes que foram aprovados por cotas raciais, mas que declararam que tinham ancestrais negros. Disse que quando procurou se informar sobre esta fiscalização dentro da universidade, não obteve nenhum retorno e só foi instruída a fazer uma denúncia. Fortalecendo a alegação de Siqueira (2017) de que existe certa omissão quanto à uma reação mais efetiva em situações de discriminação dentro da UFU, e mostrando o quão irrelevante é este assunto para a administração universitária que deveria, ao contrário, fomentar discussões como esta e ser exemplo nas suas decisões para com o resto da sociedade.

Foi indagada a opinião das entrevistadas com relação ao cenário atual do ambiente acadêmico em que negros ainda são minoria e, foi possível notar uma expressão de indignação e um desejo de medidas emergentes por parte de todas elas. Reforçando mais uma vez que os esforços tanto do governo e o crescimento de movimentos sociais como o feminista e o negro, contribuíram para a conscientização da sociedade com relação a situação da população negra e às dificuldades que as cercam. Mas, ainda há muito pelo que lutar e fazer neste quesito.

Para Normani, essa minoria de pessoas negras nas universidades acontece por não terem as mesmas oportunidades (no contexto: ter que escolher entre estudar ou trabalhar), quando comparadas aos brancos, pela desigualdade socioeconômica e a má fé das pessoas que usam das cotas para ingressarem nas universidades “roubando o lugar de quem realmente poderia e gostaria de estar lá (universidade)”. A falta de referências pessoais também contribui para este cenário, uma vez que muitas das pessoas negras não possuem exemplos próximos de alguém que tenha ingressado em uma instituição federal e, às vezes, desconhece tal possibilidade.

“Muita gente que eu conheço, fala que está sendo a primeira pessoa da família que está fazendo faculdade, então eles não veem isso como uma coisa importante, sabe? Tipo, acabam seguindo os mesmos caminhos dos familiares” (Normani).

Estas falas vem ao encontro do que foi estudado por Ávila e Porte (2012) que identificaram em seus estudos que a falta de incentivo da família, entrada precoce ao mercado de trabalho, as barreiras colocadas pela relação trabalho-estudo e pressão (às vezes implícita) de amigos que já tinham dado os estudos por encerrados.

Para Minaj, a explicação para este cenário recorrente está na dívida histórica que a sociedade tem para com a população negra que, após a escravização, o abandono e a automática marginalização dos negros não poderia resultar em nada menos que exclusão social e desigualdade econômica.

Diante do diálogo sobre as cotas e a consequente desigualdade de oportunidades, Rihanna argumenta que, embora as instituições federais sejam de alcance público, ela não acredita que foram feitas para pessoas pobres (onde se encontra a maioria da população negra) e justifica isso questionando os cursos integrais que exigem do aluno a presença em todos os turnos (manhã, tarde e noite) e o impossibilitam de trabalhar. Em sua opinião, a universidade oferece oportunidades dentro da própria instituição, mas que na sua maioria necessita que o aluno dedique-se integralmente aos estudos - situação esta que muitos não podem se permitir devido à sua realidade socioeconômica. A partir desta reflexão a aluna coloca sua própria experiência que é de ter que trabalhar e estudar e afirma que, nestes casos, as cotas raciais atuam apenas em oportunizar a inserção do negro na universidade mas não garante a sua manutenção. Segundo ela, as pessoas negras que ingressam em curso integral e ainda precisam trabalhar para se sustentar, não conseguem concluir o curso no tempo previsto e ou abandonam.

Rihanna também apontou em sua fala que as cotas raciais deveriam ser melhor explicadas e divulgadas, para que possa ser declarado com mais orgulho pelo aluno que ingressou por este meio, que tem receio, medo ou vergonha de assumir que passou por cotas. Pessoas para se inspirar e ser referência também é considerado por ela como fator importante para a mudança do cenário universitário atual.

A opinião de Beyonce sobre as universidades federais e as cotas é de que deveriam ser cada vez mais ocupadas pela população negra, justamente para estimular uma maior identificação do negro com os espaços de ensino e possibilitar seu protagonismo nos setores do conhecimento e da ciência. Segundo esta entrevistada nem a própria população negra se enxerga nestes locais; falta representatividade. Assim, acredita ser necessário uma mudança de visão sobre a universidade para os negros e também acerca dos estereótipos que pessoas negras carregam.

Quando questionadas se os assuntos relacionados à questão racial e de cotas eram abordados em suas graduações, a maioria (quatro das cinco entrevistadas) respondeu que não, ou muito pouco abordado pela parte docente do curso. Uma delas (Houston) conta que teve apenas uma matéria da qual o assunto foi abordado e que das poucas vezes que foi levantado ninguém se dispôs a discutir

e refletir sobre; se mantiveram “neutros”. Para ela, isso é o retrato do racismo institucional, que é silenciado, banalizado, naturalizado.

Beyonce ressalta que apenas a partir da iniciação científica, por ter se tornado uma pesquisadora, começou a fomentar e participar das discussões sobre raça e gênero dentro e fora do seu campo de formação. Relata que sente certa resistência e falta de interesse por parte dos colegas e professores para com os trabalhos desenvolvidos por ela que tentam abordar tais discussões. Ademais, apenas uma das entrevistadas (Houston) relata ter discutido sobre pautas sociais (não raciais) em sala de aula, mas que não foi iniciada pela parte docente, e sim por um colega de sala que já é envolvido nestas lutas sociais.

Reconhecimento, empoderamento e referências

Tendo em vista priorizar o protagonismo das mulheres negras, um dos questionamentos levantados nesta pesquisa foi o de reconhecimento da raça, empoderamento e referências histórico culturais na constituição de suas identidades. Compreendemos que só é possível reconhecer-se e se empoderar havendo um exemplo a ser seguido.

Ao serem questionadas sobre quando e como se reconheceram enquanto mulheres negras e quais foram suas referências, duas das entrevistadas (Houston e Normani) responderam que sempre se identificaram como negras e sendo assim, não passaram por um “momento de transformação ou descoberta”. Grande apreciadora de Rap, conta que este teve forte influência na sua formação como pessoa pois, serviu e ainda serve, como referência para entendimento da sociedade e o cenário atual das pessoas negras. Disse que sempre teve admiração pelas mulheres negras e também tem muito orgulho de ser quem é: “(..) Acho que a gente tem que aceitar o que a gente é pra gente se amar e pra gente amar os outros também” (Houston)

Por outro lado, três das alunas (Rihanna, Beyonce e Minaj) revelaram que por muito tempo não deram importância para o assunto mas, que em dado momento de suas trajetórias, tiveram a sua “transformação”. Minaj relata que começou a se entender como negra a partir do momento que passou a estudar mais e conseqüentemente entender mais sobre racismo, principalmente na escola que sempre foi muito discutido. Segundo ela, na família não possuía nenhuma referência, até por não haver uma identificação por parte dos familiares, muito menos discussões sobre a questão racial. Relata que sua principal referência de empoderamento foi um professor de História do ensino médio que sempre enalteceu a beleza negra e assim influenciou, mesmo que indiretamente, para sua transição capilar. Cita também uma amiga como referência por ser muito engajada nas pautas e lutas do movimento negro, tendo apresentado muito conteúdo sobre a causa e levado a participar de palestras sobre racismo, empoderamento negro.

Tal relato que torna a escola local de referência se aproxima da afirmação do autor Rodrigues (2011) de que durante muito tempo a educação foi utilizada como canal prioritário de alienação cultural e ferramenta de divisão, mas, sendo modificada, modificaram-se também os sujeitos que nela estão inseridos e, uma vez que todos em algum momento da vida passam pela escola ou ambiente acadêmico, a mudança acontece em toda a sociedade (RODRIGUES, 2011).

Rihanna relata que ao entrar na UFU foi surpreendida com relação a se reconhecer enquanto mulher negra. Confessa que, até aquele momento, não tinha nenhum conhecimento sobre o movimento negro, empoderamento, racismo e outros temas relacionados à questão racial. Segundo ela, tudo

mudou quando adentrou no âmbito universitário, um lugar onde as pessoas eram diferentes dela tanto fisicamente, quanto socioeconomicamente e que fazia com que ela não se sentisse parte daquele espaço, não se via representada ali exceto por um único colega de turma, colega este que futuramente veio a influenciar muito na sua perspectiva sobre a vida e as coisas. Relata que não via pobres, não via professores negros, não via outros alunos negros e foi a partir dos debates gerados em sala de aula (debates propostos por este colega que defendia causas sociais) que passou a identificar e se incomodar com piadinhas racistas. Considera que despertou a partir da fala de um colega de turma sobre cotas raciais:

“Quando eu tomei isso pra mim, foi um momento muito engraçado porque era uma discussão na sala sobre cotas. Eu escutei um aluno falando assim “Eu não acho que tem quer cota pra negros” Eu já olhei, né? Porque, pô! Eu era uma aluna negra que entrou ali por cota e ele tava falando diretamente comigo, que eu não tinha direito de tá ali. Aí eu perguntei “Por que você acha que não tem que ter cotas para negros?” Aí ele falou assim “Porque vocês não são menos capacitados que a gente, isso mostra que vocês são burros”. Nesse momento me deu um desespero, eu pensei “Pô! Sou burra pra c*****! Porque eu precisei muito dessa cota pra entrar aqui, eu estudei muito pra entrar por essa cota, se não fosse essa cota, eu não entrava na ampla concorrência”. Eu peguei e falei “Você já estudou história dos negros aqui nesse país? Você já viu uma foto de uma turma formada de medicina e já viu uma foto de um presídio? Você acha mesmo que as condições das mesmas oportunidades que você tem por ter a pele branca, eu tenho?” (Rihanna).

Beyonce desabafa que por muitas vezes se sente como um “ET” por fugir dos padrões dos alunos das instituições federais, e mais ainda de alunos do curso de administração que em sua maioria são brancos e de alto poder aquisitivo. Suas referências de empoderamento são as pautas relacionadas ao movimento negro que vieram principalmente de sua vivência e a participação em alguns grupos para adolescentes afrodescendentes. Normani, ao contrário, reconhece que ainda não entende muito a fundo sobre o tema e o quão enraizado ele está na nossa sociedade; que apesar de buscar saber mais com amigos, ainda não sabe identificar certas atitudes que podem ser consideradas racistas, as chamadas *micro agressões*. Tem como principal referência de empoderamento uma amiga de faculdade, mas, apesar disso, não se considera uma mulher totalmente empoderada, reconhecendo que passou a se interessar pelo tema muito recentemente, ao ingressar na universidade e que antes tais questionamentos nem eram levantados, “passava batido”, diz ela.

O termo *micro agressão*, foi apresentado às entrevistadas durante a pesquisa para questionar se já haviam passado por alguma situação discriminatória e racista. Apenas uma delas (Normani) respondeu que não, que nunca sofreu nenhum tipo de discriminação dentro do ambiente acadêmico, nem por ser negra e nem por ser mulher. O mesmo se configura para o mercado de trabalho, no qual está dando início agora. Conta que das vezes que passou por alguma situação que a incomodou, ela ignorou e que, talvez por isso, não reconhece as chamadas *micro agressões*. As outras quatro entrevistadas contam que já passaram por inúmeras situações discriminatórias. Beyonce afirma que já vivenciou *micro agressões* tanto no âmbito acadêmico, quanto no âmbito profissional, visto que atualmente estagia. Relatou como exemplo que certa vez, um colega de turma indagou como ela lavava o cabelo, isso porque usa tranças. Para lidar com tais situações, revela prezar muito pela sabedoria, para conseguir passar a mensagem às pessoas sem ser agressiva ou arrogante, e confessa que não se importa com os rótulos que vai carregar, que vai continuar defendendo o que acredita.

Rihanna conta que já passou por situações discriminatórias muito sutis no âmbito acadêmico. A entrevistada vê algumas mudanças, advindas de muita luta das minorias, mas, acredita que só aconteceram e acontecem pelo temor das pessoas em serem punidas por serem racistas, portanto, não é uma mudança de imaginário efetiva. No que se refere à discriminação no âmbito profissional, relatou que certa vez foi desligada de um emprego por racismo. Contou que durante sua trajetória neste emprego, sempre foi avaliada de maneira mais criteriosa, mesmo fazendo o mesmo serviço, e, na maioria das vezes até mais e melhor (comprovado por ela através de relatórios elaborados pela mesma) que outra funcionária branca que exercia a mesma função mas em turno diferente. Por fim, Houston relatou que já sofreu *micro agressões* não apenas durante a graduação, mas, também, dentro da própria família. “(...) É muito velado, a gente não percebe, nem questiona porque as vezes é um amigo, ou um parente (...)” (Houston).

Perspectivas para o futuro

Em relação às suas perspectivas para o futuro tanto no quesito pessoal, quanto para a sociedade em geral, as respostas foram variadas. A maioria das alunas almejam por um bom emprego mas também surgiu a motivação para abrir negócio próprio e até mesmo cursar outra graduação.

Normani objetiva concluir o curso de Administração e cursar Medicina Veterinária que sempre foi sua primeira opção. Além disso, diz que quer “passar pra família, a importância de os negros ocuparem seus lugares (...) Porque não é muito falado sobre isso, acho que é muito importante a gente se apoiar, apoiar o outro”, afirma. Acredita que a mudança só virá com mais discussões sobre o tema racismo, o empoderamento de mulheres negras e o encorajamento da população negra para não temerem a discriminação.

Houston espera para seu futuro profissional um bom emprego. Sua perspectiva para o mundo no geral é de que as pessoas tenham cada vez mais consciência, que questionem mais, que busquem mais por seus direitos e, para ela, o debate é a solução para isso. “Quanto mais se conversar sobre, mais conscientizadas as pessoas estarão”, aponta. Acredita que o debate deve começar dentro de casa, e não depender do governo para executar ações de combate a discriminação racial.

Rihanna, apesar de estar consciente quanto a triste realidade das estatísticas do mercado de trabalho para pessoas negras, almeja por um bom emprego. Diz estar ciente de que enfrentará muito mais dificuldades se comparada a uma pessoa branca, porém, leva consigo que o importante é ter determinação para concluir suas metas, sendo a sua principal, ser dona do seu próprio negócio.

Para o seu futuro, Beyonce não tem como objetivo principal o mercado de trabalho, justamente pelo racismo existente na área. Deseja, em suas palavras “fugir da caixinha”, passar a sua mensagem e fazer algo diferente. Gosta muito da área social, mas não descarta a possibilidade de seguir carreira acadêmica também. “Não tenho a pretensão de ficar rica, o meu propósito é ser útil”, diz a aluna.

Minaj disse que ainda não refletiu sobre seu futuro profissional; diz que não sabe exatamente o que deseja para seu futuro e justifica estar ainda no início do curso; que não tem pressa porque saber que Administração é um curso muito amplo mas ressalta, no momento, se identificar com a carreira acadêmica. Relata que sua única convicção está em querer trabalhar com o que gosta, e o dia que encontrar isso, terá encontrado sua carreira. Por ser homossexual, alega temer o preconceito que pode sofrer no mercado de trabalho, além do machismo e racismo estrutural. Devido a isso, considera-se pessimista com relação ao futuro, talvez por isso ainda não tenha parado para pensar

sobre, pois não acredita que essa situação mudará tão cedo. Entretanto, diz que considera o empoderamento das mulheres negras e as discussões sobre racismo como grandes aliados no combate à discriminação racial.

Por fim, as respostas das entrevistadas frisam a importância do conhecimento e diálogo sobre o racismo e o receio das entrevistadas em relação ao mercado de trabalho, pois reforçando o que dizem Proni e Gomes (2015), as mulheres e os negros possuem maior dificuldade para entrar e se manterem empregados.

5.Considerações Finais

Este trabalho objetivou conhecer as histórias das entrevistadas, promovê-las enquanto protagonistas de suas próprias vivências, permitir que relatassem suas experiências e opiniões, e possibilitar que fossem ouvidas.

A partir das falas das entrevistadas foi possível analisar em suas trajetórias as semelhanças e diferenças nas experiências e enfrentamentos, podendo assim identificar se os estudos produzidos no âmbito acadêmico que abordam a questão da mulher negra e seu acesso à educação, principalmente, no que se trata da área da Administração, são coerentes com estas realidades. De modo geral, pôde-se concluir que os trabalhos acadêmicos analisados aqui coincidem muito com a realidade vivida por estas alunas.

Ademais, cabe ressaltar que no curso de Administração, foi verificado que os tais temas (racismo e discriminação racial) são muito pouco discutidos. Torna-se, importante destacar que, para desenvolvimento desta pesquisa foi necessário buscar em outras áreas como na Educação, Ciências Sociais, História e Psicologia, aparatos teóricos que embasassem tal discussão, devido à ausência de material científico produzido na área da Administração. Isso pode ser percebido na falta de visualização e reconhecimento das mulheres negras.

Outra consideração importante a se fazer é com relação ao termo *micro agressão* e os questionamentos que o mesmo pode levantar. Para o presente trabalho, o termo foi utilizado para referir-se à agressões sutis e naturalizadas, que se tornam difíceis de serem identificadas e mais ainda combatidas. E não ao sentido de “pequenas agressões”, pois uma agressão não é cabível de medição e a própria tentativa de medir ou tentar padronizar agressões em níveis ou categorias, já é uma maneira de silenciar e tornar invisível a vítima acometida, visto que cada pessoa sente e entende de maneira diferente da outra. Logo, tentar mensura-las no sentido de medir seu tamanho, significa limitar o que é importante ou não, e esta ação reforça a discriminação.

Uma sugestão para a melhora deste cenário, poderia ser a reformulação da Resolução CP/CNE nº 1, de 17 de junho de 2004 (DOU nº 118, 22/6/2004, Seção 1, p. 11) que torna obrigatório o ensino de relações étnico-raciais e história e cultura Afro-brasileira em todos os níveis de ensino, que apesar de obrigatória, não é realizada, e reforça mais uma vez a falta de visibilidade que a população negra sofre, já que esta resolução não é conhecida e tampouco divulgada nos cursos de graduação, especificamente no curso de Administração.

REFÊRENCIAS:

ALMEIDA, G. E. S. de, & ALVES, C. M. C. (2011). **Educação escolar de mulheres negras: interdições históricas.** Revista Educação Em Questão, 41(27).

AVILA, R. C. e PORTES, É. A. **A tríplice jornada de mulheres pobres na universidade pública: trabalho doméstico, trabalho remunerado e estudos.** Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 20, n. 3, p. 809-832, dez. 2012.

BONI, V. e QUARESMA, J. S. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais.** Em tese. Vol. 2 nº 1 (3), jan-jul/2005, p. 68-80.

BONNAS, J. S. **A evasão no Curso de Administração da Fagen: dimensões políticas, institucionais e contextuais.** 2019. 138 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.

BRASIL. Resolução CP/CNE nº 1, de 17 de junho de 2004 (DOU nº 118, 22/6/2004). **Diretrizes curriculares nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.** Conselho Nacional de Educação, Seção 1, p. 11, jun. 2003.

CARMICHAEL, S e HAMILTON, C. **Black power: the politics of liberation in America.** New York, Vintage, 1967, p. 4.

COSTA NETO, A. G. **Políticas públicas de combate ao racismo e as estratégias militares: o aproveitamento do êxito.** Revista Educação Pública, Edição V. 17, Ed. 16. 2017.

DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. **Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa.** In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

DIEESE, Estudos e pesquisa. **A mulher negra no de trabalho metropolitano.** Ano 2, 14 de novembro de 2005.

DOURADO, L.F. **Reforma do estado e as políticas para a educação superior no Brasil nos anos 90.** Educ. Soc., Campinas, vol. 23, n. 80, set. 2002, p. 234-252.

Faculdade de Gestão e Negócios. **Conheça o curso,** 2019. Administração. Disponível em:

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas.** Trad. Rena ed. EDUFBA, 2008.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GIOPPO, C. **Eugenia: a higiene como estratégia de segregação.** Educ. rev., Curitiba, n. 12, p. 167-180, dez. 1996.

GOIS, J. B. H. **Quando raça conta: um estudo de diferenças entre mulheres brancas e negras no acesso e permanência no ensino superior.** Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 16, n. 3, p. 743-768, dez. 2008.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia.** 5. ed. Petrópolis : Vozes, 1997

Haidar, R. **Supremo decide que cotas raciais são constitucionais.** Revista Consultor Jurídico. 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Síntese de indicadores sociais : uma análise das condições de vida da população brasileira.** Coordenação de População e Indicadores Sociais. - Rio de Janeiro, 2018.

MARTINS, E.; GERALDO, A. G. **A Influência da Família no Processo de Escolarização e Superação do Preconceito Racial: um estudo com universitários negros.** Rev. psicol. polít., São Paulo, v. 13, n. 26, p. 55-73, abr. 2013.

MIGALHAS. **Lewandowski vota pela constitucionalidade da política de cotas raciais da UnB.**

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. . **Perguntas Frequentes.** Cotas, 2019.

PIERCE, C. (1970). **Offensive mechanisms.** In: BARBOUR, Floyd. (org.) *The black seventies.* Porter Sargent Pub, p. 265-282.

RODRIGUES, T. C. **A ascensão da diversidade nas políticas educacionais contemporâneas.** 2011. 235 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2011.

ROSA, A. R.; MEDEIROS, C. R. O.; VALADAO JUNIOR, V. M. **Sob as sombras do discurso colonial: subalternidade e configurações de gênero em uma lavanderia do interior de Minas Gerais.** Cad. EBAPE.BR, Rio de Janeiro , v. 10, n. 2, p. 393-410, jun 2012 .

SILVA, N. C. **Conte-nos sua história! Triple Jeopardy nas narrativas de mulheres negras na cidade de Uberlândia.** 2015. 98 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Faculdade de Gestão e Negócios, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.

SILVA, R.A. A. **Quem tem medo do cotista? Análise do rendimento de estudantes cotistas nos anos iniciais de graduação da Universidade Federal de Uberlândia.** 2016. 125 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016.

SILVA, T. **Racismo Algorítmico em Plataformas Digitais: microagressões e discriminação em código.** In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL LAVITS. IV. Salvador, 2019.

SIQUEIRA, M. M. **Políticas institucionais de gestão da diversidade: uma análise da Universidade Federal de Uberlândia.** 2017. 161 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017.

SUE, D. W. **Microaggressions in everyday life: Race, gender, and sexual orientation.** New York: Wiley, 2010.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. **Plano Institucional de Desenvolvimento e Expansão: PIDE: período 2010-2015.** Uberlândia, 2015a.